



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**PALOMA DA TRINDADE BANDEIRA**

**EDUCAÇÃO, MORTE E ESCOLA:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

PALOMA DA TRINDADE BANDEIRA

**EDUCAÇÃO, MORTE E ESCOLA:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciatura em Psicologia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Laércia Maria Bertulino de Medeiros

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B214e    Bandeira, Paloma da Trindade.  
Educação, morte e escola [manuscrito] : uma revisão bibliográfica sistemática / Paloma da Trindade Bandeira. - 2019.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros, Departamento de Psicologia - CCBS."  
1. Educação. 2. Morte. 3. Âmbito escolar. I. Título  
21. ed. CDD 155.937

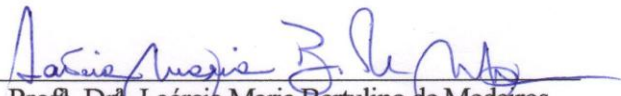
PALOMA DA TRINDADE BANDEIRA


**EDUCAÇÃO, MORTE E ESCOLA:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA**

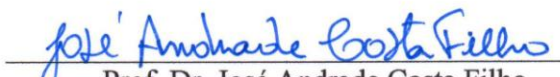
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Programa de Graduação em  
Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de bacharel e licenciatura em Psicologia

Aprovada em: 04/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laécia Maria Bertulino de Medeiros  
(Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Lorena Bandeira Melo de Sá  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Andrade Costa Filho  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, meu avô (*in memoriam*) e minha avó,  
com toda dedicação, carinho e amor, DEDICO.

“A morte é o que dá sentido à vida. Saber que nossos dias estão contados, que nosso tempo é curto.”

Doutor Estranho

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>A história da morte.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>A educação sobre a morte.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3</b>	<b>A escola e a demanda da morte: apontamentos .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>21</b>

## **EDUCAÇÃO, MORTE E ESCOLA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA**

### **EDUCATION, DEATH AND SCHOOL: A SYSTEMATIC BIBLIOGRAPHIC REVIEW**

Paloma da Trindade Bandeira\*

#### **RESUMO**

A compreensão sobre a morte se modifica no decorrer da idade do ser humano, pois depende do estágio de desenvolvimento humano que cada qual esteja passando e do período em que cada sujeito venha vivenciar alguma perda. No que se refere a criança e ao adolescente, a morte está incorporada de forma direta ou indireta no cotidiano, portanto, faz-se necessário que haja uma educação sobre a morte com crianças e adolescentes, pois quando estes se depararem com o fim da vida possam encarar de forma mais favorável, conseguindo assim elaborar um luto saudável. A escola contribui para a promoção da socialização entre as crianças e adolescentes, então que é pertinente que tal instituição de ensino proporcione o ambiente para que ocorra à educação sobre a morte. Este artigo possuiu como objetivo principal fazer um levantamento em trabalhos científicos para identificar o processo de educação sobre a morte na escola. Além de compreender a educação sobre a morte no âmbito escolar, pretendeu-se averiguar as concepções nos textos científicos sobre a morte no âmbito escolar e analisar criticamente as discussões sobre a relevância da educação sobre a morte em trabalhos científicos. O presente artigo fundamentou-se em uma revisão bibliográfica sistemática, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. Foram realizadas consultas em bases de dados, nas quais obtiveram como amostra deste estudo cinco textos acadêmicos. Os mesmos foram submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin, a qual resultou em um levantamento de identificação do processo de educação sobre a morte na escola nos trabalhos científicos, possuindo como classe temática a educação sobre a morte na escola e como categorias a participação nos rituais fúnebres, a qualificação dos professores, os recursos facilitadores e o questionamento da morte na escola. Baseado nos resultados encontrados, e em concordância com os objetivos apresentados, notou-se que a educação sobre a morte no ambiente escolar ainda é um desafio a ser enfrentado pelos profissionais da área da educação. Porém, a mesma é caracterizada como sendo benéfica para todo o ambiente escolar, pois colabora no desenvolvimento humano do alunado, além de tornar a escola um ambiente seguro para o compartilhamento de questões pessoais e existenciais.

**Palavras-chave:** Educação. Morte. Escola.

#### **ABSTRACT**

The understanding about death changes over the age of the human being, because it depends on the stage of human development that each one is going through and the period in which each person comes to experience some loss. Regarding children and adolescents, death is directly or indirectly incorporated into daily life, so it is necessary to have an education about death, because when they face the end of life can face it more favorably, thus managing to develop a healthy mourning. The school contributes to the promotion of socialization among

---

\* Aluna da Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: paloma.bandeira@gmail.com



children and adolescents, so it is pertinent that such educational institution provides the opportunity for education about death. This article had as main objective to research scientific papers aiming to identify the process of education about death in school. In addition to that, it was intended to investigate the conceptions in scientific texts about death in schools and to critically analyze the discussions about the relevance of education about death in scientific publications. This article is based on a systematic bibliographic review, with exploratory qualitative approach. Consultations were performed in databases, which was obtained as sample of this study five academic papers. They were submitted to Bardin's Content Analysis, which resulted in an identification of the educational process about death in school in scientific works, having as a thematic class education about death in school and, as categories, the participation in funeral rituals, teacher qualifications, facilitating resources and the questioning of death at school. Based on the results found, and in accordance with the presented objectives, it was noted that education about death in the school environment still a challenge to be faced by professionals in the field of education. However, it is characterized as being beneficial for the whole school environment, as it contributes to the human development of the students, besides making the school a safe environment for sharing personal and existential issues.

**Keywords:** Education. Death. School.

## 1 INTRODUÇÃO

A morte pode ser compreendida como a última instância do existir humano, ou seja, o fim da vida. Tal temática pode angustiar o ser humano, pois isto aponta para o término do seu existir e reafirma a sua finitude. Nem sempre a morte possuiu esta concepção, mas com o transcorrer do tempo que tal concepção foi sendo alterada e construída, de acordo com os contextos culturais.

Segundo Epicuro (1998 *apud* KROEFF, 2014), a morte não significa nada para o ser humano, pois enquanto ele existe, ela não existe e assim vice-versa, conseqüentemente, torna-se algo tolo se angustiar enquanto a aguarda. Em contrapartida a este pensamento existe o de Heidegger, o qual afirma que todos os dias através das escolhas que realizamos, determinamos a morte das outras possibilidades, sendo isso o motivador de angústia. Dessa forma o *ser-aí* morre todos os dias. (ROTHSCHILD e CALAZANS, 1992). Percebe-se então que a morte ocorre ainda enquanto há a existência do ser.

Contudo, a compreensão sobre a morte se modifica no decorrer da idade do ser humano, pois isso vai depender do estágio de desenvolvimento humano que cada qual esteja passando e do período em que cada sujeito venha vivenciar alguma perda. Dessa forma, a concepção de morte que um idoso possui difere da concepção de morte de um adolescente, de uma criança e sucessivamente.

A criança vivencia a primeira fase do desenvolvimento humano, é nela em que o ser humano vai descobrindo o mundo e suas singularidades, onde as formações e concepções dos mais diversos conceitos e os valores vão se constituindo. No entanto, atualmente a temática da morte é percebida como um tabu ou até mesmo como interdito, dessa maneira, como forma de preservar a criança desse interdito, muitas vezes não há diálogo sobre a morte.

Apesar disso, a morte está incorporada de forma direta ou indireta no cotidiano da criança e do adolescente, seja através de noticiários que banalizam a morte do ser humano, por um animal de estimação que faleceu ou até mesmo em um desenho animado. Portanto, faz-se necessário que haja uma educação sobre a morte com crianças e adolescentes, pois

quando estes se depararem com o fim da vida possam encarar de forma mais favorável, conseguindo assim elaborar um luto saudável.

Considerando que a escola contribui para a promoção da socialização entre as crianças e os adolescentes, vale ressaltar então que é pertinente que tal instituição de ensino proporcione o ambiente para que ocorra à educação sobre a morte. (CAPUTO e FORNAZARI, 2007). Porém, existem várias dificuldades em falar sobre a morte no ambiente escolar.

Partindo desses pressupostos, justifica-se a relevância desse estudo, pois permite um espaço para uma análise sobre a importância da educação sobre a morte na escola. Dessa forma, este trabalho possui como objetivo principal fazer um levantamento em trabalhos científicos para identificar o processo de educação sobre a morte na escola. Bem como objetivos secundários compreender a educação sobre a morte no âmbito escolar, pretende-se averiguar as concepções nos textos científicos sobre a morte no âmbito escolar e analisar criticamente as discussões sobre a relevância da educação sobre a morte em trabalhos científicos.

O presente artigo é da abordagem qualitativa, a qual se caracteriza através de “um nível de realidade que não pode ser quantificado [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]”. (MINAYO, 2001, p. 21-22 *apud* BASTOS e FERREIRA, 2016, p.128).

Possui como método de procedimento a revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos. Dessa forma, também possui o caráter exploratório, o qual proporciona um maior contato com a temática abordada neste artigo, além de torná-lo mais compreensível.

As consultas de bases de dados foram realizadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), entre os meses de outubro e novembro de 2018, através dos descritores educação, morte e escola. Foram empregados os seguintes critérios de inclusão: textos acadêmicos que se adequassem aos descritores de pesquisa, escritos em Português, com a publicação realizada entre os anos 2000 e 2018 e que estivesse disponível o texto completo.

Após a pesquisa com os descritores e examinado os critérios de inclusão, obtivemos um total de 284 textos acadêmicos, os quais foram submetidos a uma análise sobre o que falavam a respeito da temática. Sucessivamente, foram utilizados como amostra de estudo 05 textos acadêmicos, os quais foram analisados conforme os objetivos do presente artigo. Apesar de possuir um número alto de textos acadêmicos que se encaixaram nos descritores, após uma análise sobre a pertinência dos mesmos percebeu-se que apenas 05, sendo estes três dissertações de mestrado, uma tese de doutorado e um artigo científico, realmente se encaixavam no objetivo principal deste artigo, mostrando a escassez de pesquisas sobre tal temática.

**Tabela 1** – Textos acadêmicos utilizados como amostra do estudo.

Nº	Referência	Tipo de texto acadêmico	Ano de Publicação
1	FRONZA, L. P. et al.	Artigo	2015
2	MAEDA, T. S.	Dissertação	2017
3	MAGALHÃES, A. T. O.	Dissertação	2008
4	MELO, M. S. N.	Dissertação	2008
5	RODRIGUEZ, C. F.	Tese	2010

**Fonte:** Autoria própria, 2019.

No tocante a avaliação dos resultados, os mesmos foram submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin (1977), a qual se caracteriza como sendo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1997, p. 42).

Segundo Medeiros (2012), a técnica da Análise de Conteúdo (AC) é utilizada para análise de textos escritos ou outra comunicação que foi transformada em um registro escrito, tal registro possui informações a respeito do comportamento humano constatado por uma fonte documental, com a finalidade de entender criticamente o sentido das comunicações. Dessa forma, a aplicabilidade de tal técnica é viável nesta pesquisa, pois a mesma investiga o comportamento humano acerca da educação sobre a morte no âmbito escolar, através de registros escritos acadêmicos e possui o intuito de analisar criticamente as discussões sobre a relevância da educação sobre a morte nos trabalhos científicos. Conforme Moscovici (2003 apud MEDEIROS, 2012, p. 86), afirma que tudo que é dito ou escrito é sucessível a ser submetido à análise de conteúdo.

A análise de conteúdo de Bardin organiza-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise “é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas.” (SILVA e FOSSÁ, 2015, p.3). Desta forma, a pré-análise da pesquisa se caracterizou mediante a organização propriamente dita do estudo por meio da escolha dos documentos para a futura análise – o *corpus* da pesquisa –, logo após uma sondagem através da leitura flutuante nos trabalhos científicos, houve a formulação dos objetivos do estudo e a formação de indicadores, com a finalidade de interpretar o material coletado.

A exploração do material, segunda fase da Análise de Conteúdo, se caracterizou mediante a construção de operações de codificação, através de recortes dos textos acadêmicos em unidades de registros – palavras, frases e/ou parágrafo. Sucessivamente, as unidades de registros foram classificadas e agregadas em categorias iniciais, tais categorias foram organizadas por meio de temas correlatos. Em seguida, as categorias iniciais foram agrupadas tematicamente e originaram-se as categorias intermediárias, as quais também foram agrupadas de acordo com os temas e resultaram nas categorias finais. As categorias finais possibilitaram a realização da posterior análise.

No que se refere ao tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, a última fase da Análise de Conteúdo, a mesma se caracterizou através da compreensão dos “conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado” (SILVA e FOSSÁ, 2015, p.4); através da análise dos dados, os quais resultaram nas interpretações inferenciais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A História da Morte

A visão da morte foi se modificando no decorrer dos anos até chegar à visão dos dias atuais, a qual é compreendida como algo que se deve temer, pois possui uma carga negativa e perturbadora para homem. Porém, nem sempre a morte deteve essa visão.

Segundo Ribeiro (2008), antropólogos, através de seus estudos, constatou que o homem de Neandertal já se preocupava com seus mortos. Além dele, os povos Musterenses também possuíam o cuidado com os seus mortos, pois, além de proteger o cadáver com pedras, eles depositavam alimentos e as armas do morto sobre a sepultura de pedras, ou seja, não existia o abandono dos mortos. Os povos Kiboris – nos dias atuais – ainda edificam durante toda a vida um local no qual o seu corpo permanecerá após a morte.

De acordo com Kastenbaum e Aisenberg (1983 *apud* RIBEIRO, 2008), os antigos egípcios consideravam a morte como um acontecimento dentro do domínio de ação, dessa forma, cada sujeito possuía o foco de pensar, sentir e agir em relação à sua morte. Os malaios, por sua vez, viviam em um sistema comunitário e compreendiam a morte de um componente como uma perda do próprio grupo. Sendo assim, a morte era considerada como um processo a ser vivido por toda a comunidade e não como algo individual.

Para a mitologia hindu, a morte é encarada como uma válvula de escape para o controle demográfico, como forma de aliviar os recursos naturais e a sobrecarga populacional da “Mãe Terra”. Para o xamanismo, os mortos eram enterrados nas covas familiares, nas quais os que morreram há mais tempo recebiam os “recém-mortos”; dessa maneira, famílias eram constituídas tanto pelos vivos quanto pelos mortos. (RIBEIRO, 2008). Partindo dessas noções percebe-se que a morte possuía a ideia de continuidade e não de um fim propriamente dito, dessa forma, não havia um rompimento bruto entre a vida e morte, fazendo com que o homem lidasse com a morte com menos pavor.

Porém, na Idade Média essas noções foram se modificando devido às circunstâncias adversas – como por exemplo, a peste bubônica – as quais provocaram uma morte em massa. A ameaça mais próxima da morte fez com que o homem a temesse, pois não tinha como controlar tal evento.

Segundo Áries (2012), no começo do século XIX os ritos da morte eram simples, aceitos e cumpridos, cerimonialmente, e não possuíam o caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. Além disso, era comum a presença de crianças nos ritos da morte, pois “não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças.” (ÁRIES, 2012, p.39). Porém, na segunda metade do século XIX, a presença de crianças nos ritos da morte tornou-se algo que provocava mal-estar e tornou algo que deveria ocorrer de forma rápida.

Partindo disso, uma série de conteúdos negativos começa a ser associada à morte: conteúdos perversos, macabros, bem como torturas e flagelos, passam a se relacionar com a morte, provocando um total estranhamento do homem diante deste evento tão perturbador. (RIBEIRO, 2008, p. 61).

Mannoni (1995 *apud* RIBEIRO, 2008), relata que a morte revelou sua correlação com a vida em diversos momentos históricos. Porém, atualmente, após toda essa construção social da morte, o homem convive com a morte de forma diferente, pois não se pode mais escolher o local em que vai morrer, o seu descanso de paz.

Nos dias atuais, o homem mais morre em leitos de hospitais do que em casa, perto dos seus familiares. “A morte natural deu lugar à morte monitorada e às tentativas de reanimação.” (RIBEIRO, 2008, p. 63). Dessa forma, o morrer que antes era natural e no seu âmbito familiar, hoje é prolongado e diante dos seus. A ideia da morte foi associada a algo angustiante, penoso e torturante. Hoje se prefere uma morte instantânea a sofrer por causa de determinada doença.

Para Kovács (1997 *apud* RIBEIRO, 2008), ao contrário do senso comum, o tempo da doença auxilia a assimilar a ideia de morte e a conseguir tomar decisões concretas. Sendo assim, atualmente a morte não é compreendida como parte da vida, mas sim como castigo ou punição, além de ser considerado um tabu para certas fases do desenvolvimento humano.

## **2.2 A educação sobre a morte**

A concepção concreta da morte se caracteriza a partir do momento em que o ser humano, compreende a irreversibilidade, a não funcionalidade e a universalidade da mesma. Segundo Torres (2012), a irreversibilidade se caracteriza através da compreensão que o corpo físico não pode viver depois da morte; a não funcionalidade, por sua vez, se identifica por

meio da percepção que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte e a universalidade se define através do entendimento de que tudo que é vivo, morre.

Segundo Kovács (2012 a), crianças no período pré-operacional não compreendem tais características e quando vivenciam situações de perda por causa da morte, estas necessitam ser comunicadas sobre a irreversibilidade e a universalidade. No que diz respeito ao período das operações concretas, as crianças diferenciam seres animados e inanimados, porém possuem dificuldades com abstrações e características biológicas essenciais, dessa forma vivências com a morte são capazes de contribuir para uma melhor compreensão sobre a temática e suas principais características.

Segundo Kovács (1992), no período das operações formais, as crianças identificam a morte como um processo interno que resulta na cessação das atividades do corpo, além de perceber a universalidade da mesma, a criança consegue elaborar respostas lógico categoriais e de causalidade. Portanto, a visão de morte se torna mais realista conforme o avanço do desenvolvimento humano e isto ocorre de forma gradual.

Quanto à adolescência, fase do desenvolvimento definida por grandes mudanças, o ser humano adquire “um corpo novo e altamente potente; uma capacidade cognitiva, alavancada pelo raciocínio formal que permite experimentar, avaliar, analisar, descobrir coisas novas e participar de conversas em nível de igualdade com o adulto [...]” (Kovács, 2012 b, p.48). Dessa forma, os adolescentes conseguem perceber as principais características da morte, compreendendo a irreversibilidade, a não funcionalidade e a universalidade da mesma. Porém, tal temática é pouco discutida e refletida, pois “o adolescente está caminhando para o auge da vida, tem todas as potencialidades corporais e psíquicas, [...], e a morte está distante como possibilidade pessoal”. (KOVÁCS, 1992, p. 55).

Partindo desses pressupostos, a educação sobre morte deve ocorrer de forma que atenda as particularidades de cada fase de desenvolvimento humano. Educação, segundo o Dicionário Online de Português (2018), implica na “ação ou efeito de educar, de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém [...]”. Possuindo como base este conceito, a educação sobre a morte pode ser compreendida como uma educação para um melhor desenvolvimento intelectual e moral sobre a morte e suas particularidades no homem. Tal processo pode ocorrer desde a idade mais nova até a idade a mais avançada, desde que respeite o nível de desenvolvimento do sujeito.

Dialogar com uma criança sobre a temática da morte não é uma atividade de fácil execução, pois ao falar sobre a morte pode surgir angústia na criança e medos, os quais podem causar danos na mesma. Segundo Torres (2012), ao dialogar com a criança sobre a morte é importante avaliar às experiências da criança com a morte, pois isso pode interferir na compreensão da mesma, além disso, é significativo considerar as possíveis reações – somáticas e/ou comportamentais –, que a criança possa ter diante da morte. Dessa forma, é necessário ter uma preparação para dialogar com criança sobre a morte.

Quanto ao processo da educação sobre a morte com criança não há uma fórmula exata de como se deve proceder, porém, de acordo com Caputo e Fornazari (2007), ao tratar da temática da morte com crianças faz-se necessário levar em consideração o desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento afetivo e uma comunicação apropriada.

Além disso, Torres (2012), orienta que é importante ouvir e observar a criança, permitindo que a mesma pergunte livremente e que não é necessário dar explicações além do que a criança está procurando, usar um tom de voz natural, além de ser franco e honesto, evitando recorrer a símbolos sentimentais, eufemismo e a relacionar doença-hospital-morte, quando se crê, compartilhar a fé é importante, acariciar e abraçar a criança é tão relevante quanto ao que se fala, pois atende às necessidades da criança em sua totalidade.

### 2.3 A escola e a demanda da morte: apontamentos

Segundo Silva e Ferreira (2014), a escola é uma instituição social de grande significância na sociedade, pois possui o papel de fornecer preparação intelectual e moral para os alunos, além de colaborar com a inserção social. Tal instituição é fundamental para a contribuição do desenvolvimento do sujeito e da sociedade, pois deve formar cidadãos críticos e “inserir o cidadão/aluno na sociedade, por meio das relações interpessoais e coletivas. Afim de que este indivíduo esteja moderadamente preparado para enfrentar os conflitos presentes no cotidiano”. (VIERA et al., 2010 *apud* SILVA e FERREIRA, 2014, p. 10).

A escola está inserida na sociedade, da qual emergem várias demandas, e tal instituição de ensino deve viabilizar o espaço para debater sobre tais, com o intuito de formar cidadãos capazes de lidar com as situações que surgirão ao logo do convívio em sociedade, seja esta uma demanda positiva ou negativa. Dessa forma, a demanda da morte não está isenta de ser abordada na escola. Profissionais da área da educação podem favorecer a discussão na escola seja qual for a característica da demanda.

Segundo os princípios de aprendizagem significativa na educação propostos por Rogers (1997), educadores devem promover o real contato dos alunos com os problemas da vida. Os educadores podem estimular o desejo dos alunos de aprender, descobrir e criar. (RODRIGUEZ, 2010, p. 197).

De acordo Kovács (2003a; 2003b *apud* MELO, 2007) o espaço ideal para a educação sobre a morte seria a escola formal, pois o indivíduo passa um tempo significativa de sua existência em tal instituição, além de que esta educação seria voltada para o desenvolvimento pessoal, para o aperfeiçoamento e o cultivo do ser, de forma mais integral no meio social no qual ele se encontra inserido. Vale ressaltar que a temática da morte na escola causa um desconforto não só nos educadores, como também nos pais, além de alguns profissionais da área de educação não se sentirem preparados para abordar tal temática em seu ambiente de trabalho. Porém, existem instrumentos facilitadores que auxiliam na abordagem da temática na morte na escola. Tais instrumentos são: literaturas, filmes, vídeos, contos/histórias, músicas, jogos, entre outros. Além disso, a disponibilização de um espaço para a interação e discussão na escola pode desmistificar temáticas normalmente evitadas por adultos. (SENGIK e RAMOS, 2015).

De acordo com Kóvacs (2012 a), o tema da morte é importante, pois faz parte do cotidiano, além de possuir relação com outros assuntos, promove conhecimentos, reflexão e conscientização. Além disso, uma educação sobre a morte na escola com crianças e/ou adolescentes viabiliza uma assistência para quando os mesmos se depararem com a temática, seja através da morte concreta, simbólica ou escancarada.

A morte concreta se caracteriza através da vivência de uma perda significativa, seja esta a perda de amigo, familiar, animal de estimação ou até mesmo um ídolo. A morte simbólica, por sua vez, se define por meio das ‘mortes em vida’, as quais são vivenciadas ao longo do processo de desenvolvimento humano e que se correlacionam com a experiência da morte em si, representando o início e fim de alguma situação da vida. (RODRIGUEZ, 2010).

No que diz a respeito da morte escancarada, segundo Rodriguez (2010), esta se define mediante a morte que invade as vidas das pessoas sem nenhuma proteção, defesa ou controle. “Atualmente, ao mesmo tempo que é evitada e negada, a morte invade os espaços, é vista sem ‘máscaras’ e ocorre na frente de qualquer pessoa, não poupando idade ou classe social.”. (RODRIGUEZ, 2010, p.81).

No mais, a assistência da escola com alunos que estejam vivenciando algum tipo de morte serve como rede de apoio. Bem como, a educação sobre a morte na escola contém uma atuação preventiva, pois quando os alunos se depararem com a experiência da morte e vivenciarem o luto, o mesmo pode não ser o eixo principal da vida do aluno, ajudando o aluno

a ter uma vida saudável e adaptativa diante a experiência de morte. (WOTTRICH *et al.*, 2009).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da Análise de Conteúdo de Bardin foi possível organizar o levantamento de identificação do processo de educação sobre a morte na escola em trabalhos científicos, estruturando-os com uma classe temática, categorias e as subcategorias. Obteve-se como classe temática a educação sobre a morte na escola, posteriormente como categorias: a participação nos rituais fúnebres, a qualificação dos professores, os recursos facilitadores e o questionamento da morte na escola. Tais categorias se dividiram em subcategorias.

**Tabela 2** – Categorias e subcategorias referentes à educação sobre morte na escola.

CLASSE TEMÁTICA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
EDUCAÇÃO SOBRE MORTE NA ESCOLA	Participação nos Rituais Fúnebres	Crianças nos rituais fúnebres;
		Evitamento de velórios;
		Participação da escola nos rituais.
	Qualificação dos Professores	Preparo dos professores;
		Desinibição em falar da temática.
	Recursos Facilitadores	Ferramentas facilitadores da temática;
		Literatura como recurso.
	Questionamento da Morte na Escola	A escola deve falar sobre a morte?;
		Quando falar sobre a morte na escola?.

**Fonte:** Autoria própria, 2019.

A categoria ‘*rituais fúnebres*’ faz referência ao comparecimento nestes rituais e a experiência das manifestações humanas diante da morte. “Os rituais buscam explicações para a existência do homem, dão sentido à sua vida e tentam amenizar as angústias diante da constatação da finitude.” (Bromberg, 2000 *apud* Rodriguez, 2010, p.221). Tal categoria se subdividiu em três partes: crianças nos rituais fúnebres; evitamento de velórios e a participação da escola nos rituais.

Na subcategoria ‘*crianças nos rituais fúnebres*’, percebeu-se que a maioria dos pais e professoras – participantes das pesquisas dos textos acadêmicos utilizados como *corpus* deste artigo – compreendem que os rituais fúnebres não é um local adequado para crianças frequentarem, pois tais rituais possuem um papel traumatizante para as crianças. Percebe-se isto através dos seguintes trechos:<sup>1</sup>**D3:** “*As falas ilustram as experiências em que as cerimônias de despedida passam a assumir um papel traumatizante para as crianças.*”; <sup>2</sup>**T1:** “*Pode-se afirmar que a maioria dos pais [...] não concordam com a participação das crianças nos rituais fúnebres.*”; **T1:** “*As professoras da escola particular foram unânimes na não participação das crianças nesse evento [...]*”.

Áries (2012), ao tratar sobre esta temática, relata que no século XVIII era comum a presença de crianças nos ritos da morte, no entanto, desde a segunda metade do século XIX, a presença de crianças nos ritos da morte tornou-se algo que provocava mal-estar. Atualmente, a presença de crianças nos rituais fúnebres ainda causa mal-estar e isto fica demonstrado através dos trechos dos textos acadêmicos acima. Kovács (2012 a), por sua vez, relata que na sociedade em que a morte é considerada interdita, há a crença que rituais fúnebres podem causar sofrimento na criança

<sup>1</sup>As siglas D1, D2 e D3 referem-se as dissertações utilizadas como corpus deste artigo; D1: dissertação 1, D2: dissertação 2 e D3: dissertação 3.

<sup>2</sup>A sigla T1 refere-se a tese utilizada como corpus deste artigo; T1: tese 1.

No que não há concordância da presença de crianças nos rituais fúnebres, conseqüentemente haverá um *evitamento de velórios* – segunda subcategoria – pois, como foi citado, são traumatizantes para as crianças. Dessa forma, com o intuito de proteger a criança, não é aceita a sua presença nos rituais fúnebres, assim, há o distanciamento de crianças nos velórios. No entanto, ao invés de proteger a criança, arrisca-se estar prejudicando, pois no que há o privamento de comparecer aos rituais fúnebres/velórios, pode-se não existir o espaço para as expressões das manifestações diante da morte.

Kovács (2012 a) afirma que “o contexto social dos rituais ajuda na aquisição de significados, assim crianças têm oportunidade de se despedir do falecido, tendo seus sentimentos conhecidos.”. (p.73). Desta maneira, a presença de crianças nos rituais fúnebres deve sim ocorrer, porém, respeitando a fase de desenvolvimento humano em que a mesma se encontra. Nas cerimônias fúnebres as emoções podem ser expressas, acolhidas e compartilhadas, logo, as crianças se reconhecem como parte da família. (Kovács, 2012 a). Além disso, vale ressaltar que, falar de morte com criança não indica criar ou aumentar uma dor, ao invés disso, pode aliviar a criança e contribuir na elaboração do luto. (Kovács, 1992).

Os rituais podem ajudar a simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração cotidiana e social rompida pela mudança que a perda ocasiona. Além do mais, o investimento e dedicação presentes nos rituais poderão amenizar possíveis sentimentos de culpa, sendo o ritual fúnebre necessário para a maturação psicológica, por ter atribuições relevantes como: ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto, possibilitando-lhe também a manifestação pública de seu pesar. (SOUZA & SOUSA, 2019, p.5).

No entanto, vale ressaltar que a participação ou não de crianças nos rituais fúnebres deve levar em consideração a singularidade de cada caso e história, porém, compreende-se que a participação nesses eventos pode ser benéfica, uma vez que um adulto possa estar com a criança, proporcionando-lhe suporte. (ESSLINGER, 2015 *apud* MAEDA, 2017).

No que se refere à subcategoria ‘*participação da escola nos rituais*’, nota-se que há uma concordância, por parte das professoras do *corpus* do artigo, sobre a participação das escolas nos rituais fúnebres. Consta-se isto por meio dos seguintes trechos: **T1**: “[...], a participação da escola nos rituais pode partir tanto do desejo dos alunos, quanto dos educadores.”;<sup>3</sup> **A1**: “[...], o apoio ao aluno enlutado pode ser feito mais através de atitudes do que através de palavras.”.

A presença da escola em rituais fúnebres de alunos ou de seus familiares demonstra apoio. O aluno perceber esta assistência do ambiente escolar é algo benéfico, pois

O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais. Para Parkes (1998), é fundamental que a comunidade possa ajudar pessoas enlutadas e, no caso de crianças e jovens, a escola é parte integrante desse processo. (KOVÁCS, 2012 a, p.76).

No entanto, quando houve a experiência de morte de um aluno de uma escola – presente no *corpus* do artigo – não houve a participação da escola dos rituais fúnebres, conseqüentemente, não houve também o suporte à família. Percebe-se isto através do seguinte trecho: **T1**: “[...], choque ao perceber a falta de vínculo da escola com a morte de um aluno e seus familiares.”.

Nota-se aqui uma incoerência nesta subcategoria, pois ao mesmo tempo em que existe a concordância da presença da escola em rituais fúnebres – quando é de um aluno ou familiar do mesmo –, no momento em que houve a vivência da morte de um aluno, a escola ficou indiferente a esta questão.

<sup>3</sup>A sigla A1 refere-se ao artigo utilizado como corpus deste trabalho; A1: artigo 1.



A categoria ‘*qualificação dos professores*’ remete à capacidade que os professores possuem em trabalhar a temática da morte no ambiente escolar. Segundo Kovács (2012 b), a morte é tema presente na escola, dessa forma a preparação em lidar com esta temática também inclui os profissionais da área da educação. Esta categoria, por sua vez, se dividiu em: o preparo dos professores e a desinibição em falar da temática.

Na subcategoria ‘*preparo dos professores*’, verificou-se que parte dos professores – presente no *corpus* do artigo – sentem dificuldades para trabalhar a temática da morte no ambiente escolar. Constata-se isto por meio dos seguintes trechos: **D1**: “*As educadoras reconheceram a lacuna existente em sua formação e confirmaram o seu despreparo para lidar com o conceito morte quando se tornava necessário em sua atuação profissional.*”; **T1**: “*[...] tive contato com profissionais de educação [...], eles também mencionavam dificuldades, falta de preparo e não visualizavam com clareza possibilidades de atuação com os alunos, já que a morte é um tema tão pouco abordado.*”; **D2**: “*Os profissionais de educação infantil não recebem, na sua formação profissional, orientações para perceber, pensar e encarar questões relacionadas com a morte.*”; **A1**: “*Outras professoras observaram que não tiveram, nem em sua formação acadêmica, nem na trajetória profissional, palestras e cursos voltados especificamente para o tema da morte, os quais poderiam dar maior segurança aos professores em relação a este tema.*”.

Os educadores – presente no *corpus* do artigo –, em sua grande maioria, não se sentem capacitados para trabalharem com a temática da morte no ambiente escolar. A falta de preparo para abordar tal temática é ocasionada por causa da lacuna existente nos cursos de graduação. Segundo Kóvacs (2012 b), parte dos profissionais da educação que a encontram denunciam a lacuna existente sobre a questão da morte associada ao contexto escolar e à formação de educadores.

Uma vez que existe esta lacuna – os profissionais da educação não foram treinados para falar sobre morte no ambiente escolar, pois não possuíam nenhum componente curricular que tratasse desta temática durante a sua formação – existirá mais um obstáculo para haver uma educação sobre a morte no ambiente escolar. Kóvacs (2012 a), afirma que a formação do educador necessita ser revisada para incluir a questão da morte e formas de acolhimento para crianças e adolescentes que estejam vivenciando esta experiência.

É fundamental que os professores recebam formação a respeito deste tema, seja na graduação ou em cursos de formação, a fim de que a morte possa ser tratada com os alunos através da inserção deste tema no currículo ou quando esses de maneira espontânea trouxerem questões relacionadas. (CAPUTO e FORNAZARI, 2007, p.5).

Por não existir o preparo para na formação, muitas vezes o tema é silenciado no ambiente escolar. Percebe-se isto através do seguinte trecho: **D1**: “*[...] esse assunto permanece velado no dia a dia da sala de aula, não por negligência, mas pelo despreparo para abordá-lo perante os educandos [...].*”. Junqueira e Kóvacs (2008 *apud* FRONZA *et al.*, 2015), relatam o provável ciclo vicioso existente no qual a falta de informação nutre o medo de abordar o tema da morte.

A realização de cursos de capacitação e de formação para profissionais da educação abordando a temática da morte pode ajudar para que a educação sobre a morte ocorra de forma adequada no ambiente escolar. Observa-se isto através do seguinte trecho: **T1**: “*O ideal é ocorrer o preparo antes da ocorrência da morte, permitindo que professores possam ter uma “postura mais ponderada.”*”; **D3**: “*[...] as participantes apontam que se faz necessário investir no preparo dos professores e na participação da família, para que juntos possam construir recursos de enfrentamento e rede de apoio para as crianças com foco no tema da morte.*”.

Por causa da falta de preparo dos professores para abordar a temática da morte no ambiente escolar, pode não existir a *desinibição em falar da temática* – segunda subcategoria – uma vez que a falta de conhecimento ocasionará insegurança nos profissionais de educação, eles próprios não terão destimidez para falar sobre morte com o seu alunado – quer seja ele formado por criança ou por adolescentes. Identifica-se isso por meio dos próximos trechos: **D2**: “[...] apesar de a maioria dizer que se sente à vontade em abordar o assunto morte com crianças sentem falta de um conhecimento maior sobre o tema para que possa falar com mais segurança, [...]”; **A1**: “Os próprios professores talvez não se sintam à vontade com a temática a ponto de pedirem que haja capacitações ou até mesmo palestras sobre o assunto.”.

Evidencia-se nesta subcategorianovamente a relevância que os cursos de formação e capacitação possuem na educação sobre a morte nas escolas; uma vez que os profissionais da educação forem qualificados para tal atividade, esta será mais descomplicada e mais provável de acontecer no ambiente escolar. De acordo com Magalhães (2008), um diálogo aberto e sincero entre professores e o alunado favorece um possível enfrentamento, pois as informações adequadas colaborarão para que isto ocorra.

Kóvacs (2012 b), afirma que cursos têm sido propostos para os profissionais da educação que demonstram dificuldades em lidar com o tema da morte com seus alunos. Além disso, o Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), da Universidade de São Paulo (USP), disponibiliza de um DVD, intitulado ‘Falando de Morte na Escola’, onde são apresentadas propostas que podem ajudar os educadores a trabalharem a temática da morte com seu alunado, seja para acolher a dor do luto como para quebrar o tabu sobre a temática, falando abertamente e sem metáforas.

A categoria ‘*recursos facilitadores*’ aborda meios que facilitam e favorecem a conversa sobre a temática da morte na escola. O tema da morte não é fácil de ser abordado, pois ainda é considerado tabu em nossa sociedade, porém existem recursos que podem favorecer a discussão sobre a mesma. Rodriguez (2010), afirma que o diálogo sobre o tema da morte no âmbito escolar é um espaço que podem ser encontrados elementos facilitadores. Esta categoria, por sua vez, se dividiu em: ferramentas facilitadoras da temática e a literatura como recurso.

Na subcategoria ‘*ferramentas facilitadoras*’ percebeu-se os que educadores – presente no *corpus* do artigo – conheciam alguns recursos didáticos que auxiliariam na discussão do tema da morte. Identifica-se isso por meio dos seguintes trechos: **D1**: “[...] assegurou que esses conteúdos eram abordados tendo como recursos didático-pedagógicos o uso da ‘expressão oral, DVD, reportagens de jornais, revistas, TV, poesias e músicas’.”; “Quanto aos recursos pedagógicos utilizados por ela, a mesma citou: ‘revistas, livros e DVD relacionado ao tema.’”; “Sobre os recursos didático-pedagógicos, utilizados por ela para lecionar os citados conteúdos, a mesma afirmou que eram: ‘conversa informal, livros e jornais’.”.

Segundo Nicola e Paniz (2016), o uso de recursos didáticos diferenciados permite que o professor dinamize a aula, estabeleça relações importantes entre o aluno e o conteúdo a ser abordado, além de proporcionar a troca de conhecimentos. Ressalta-se aqui que isto também se aplica na abordagem da temática da morte na escola, pois a utilização dos recursos didáticos diferentes pode proporcionar um melhor desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com relação ao tema abordado, quer seja em relação a educação sobre a morte ou outro tema.

Rodriguez (2010), afirma que compete ao professor procurar e utilizar todos os recursos disponíveis para facilitar o aprendizado de seus alunos, contribuindo para que os jovens e pensem criticamente e construam seu próprio saber. O Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) também disponibiliza em seu site ([www.lemipusp.com.br](http://www.lemipusp.com.br)) umas listagens de

livros, livros infantis, filmes, DVDs produzidos pelo LEM e bibliografia sobre a temática da morte, as quais ajudam na discussão do tema.

Verificou-se além disso que grupos de amigos e diálogos sem censuras com os educadores também são considerados como recursos facilitadores. **T1:** *“Foi observado que grupo de amigos, conversas sem censuras com familiares e educadores, jogos, esportes, músicas, literatura, pinturas ou esculturas, peças teatrais, fotografia, cinema, seriados de TV podem ser alguns recursos importantes.”*. Segundo Fronza *et al.* (2015), as relações interpessoais constituídas na escola são importantes no processo educativo. Além disso, o diálogo sem censura pode fortalecer as trocas de opiniões e o desenvolvimento do tema no ambiente escolar.

Na subcategoria *‘literatura como recurso’*, observou-se que os educadores – presentes no *corpus* do artigo – compreendem a literatura como uma ferramenta facilitadora que viabiliza a discussão e o aprendizado das diversas temáticas na escola, incluindo a temática da morte. A literatura é compreendida como um recurso fundamental no processo da aprendizagem, a qual pode ser utilizada em um alunado formado por crianças ou por adolescentes, pois a mesma possui aplicabilidade e efetividade com ambos públicos. Rodriguez (2008), afirma que a utilização da literatura pode ser uma estratégia para favorecer nas escolas a discussão e a reflexão sobre o tema da morte.

Percebe-se isso por meio dos seguintes trechos: **T1:** *“No universo da criança e do adolescente, o uso da literatura é um recurso que pode levar a reflexões, indagações e descobertas sobre o crescimento e o desenvolvimento pessoal. Pode-se abordar temas como o corpo e a sexualidade, relacionamentos entre amigos e familiares, separações, perdas e mortes. [...]”*; **D1:** *“[...] a literatura infantil é uma ferramenta que o educador pode utilizar como recurso de ensino-aprendizagem sobre temas existenciais que se tornam difíceis de serem tratados com as crianças.”*; **D2:** *“Acredita-se que o contar histórias que abordem temas como perdas e mortes, facilita a compreensão e aceitação da criança para com o fato, pois além de ser uma atividade rica de afetividade é um meio de aproximação entre o adulto e a criança.”*; **D2:** *“[...] houve a oportunidade de refletir algumas questões sobre a literatura infantil como um recurso possível a tratar de temas existenciais na educação infantil, o que foi bastante proveitoso, podendo-se perceber como esse recurso instiga as pessoas a falarem das suas experiências vividas.”*

Segundo Sengik e Ramos (2015), livros literários para o público infantil e juvenil podem auxiliar o docente em discussões acerca do tema da morte. A escola pode proporcionar uma convivência com literaturas que discutam sobre temas polêmicos, como a morte, de forma natural e espontânea. Além disso, a leitura de obras literárias que abordem a temática da morte não só auxilia na formação do conceito de morte, mas, ajuda na construção de significações e conhecimentos sobre o tema, contribuindo desse modo para educação sobre a morte. Sendo assim, a vivência com o tema da morte na literatura pode auxiliar no entendimento do fenômeno da morte, quer seja ela concreta, simbólica ou escancarada.

Kóvacs (2016), afirma que os livros são significativos no processo de elaboração do luto, pois a identificação dos processos que ocorrem com os personagens pode auxiliar na elaboração do mesmo. No entanto, a sugestão do livro deve ocorrer de forma cautelosa, não substituindo o contato com pessoas, funcionando como um complemento.

Magalhães (2008) e Kóvacs (2016), disponibilizam de listagens de literaturas que abordam a temática da morte, as quais podem ajudar na compreensão das vivências das situações de perda e morte. Porém, ao utilizar de obras literárias como recurso facilitador da temática da morte deve-se ter cautela, pois o mesmo pode provocar dúvidas e receios, além de fazer com que o educador entre em contato com seus limites profissionais e pessoais. (RODRIGUEZ, 2010). No mais, mesmo com o crescimento da produção de literatura que

enfoca o sofrimento da criança e do adolescente, uma pequena parte de conhecimento se orienta para a necessidade das comunidades escolares em relação à morte. (PAIVA, 2011).

A categoria ‘*questionamento da morte na escola*’ reporta-se as indagações sobre a temática da morte na escola, bem como as hesitações sobre a abordagem no ambiente escolar. Kóvacs (2012 b), afirma que uma vez que crianças e jovens passam a maior parte do dia na escola, parece notório que se aborde o tema da morte no ambiente escolar. Esta categoria, por sua vez, se dividiu em: a escola deve falar sobre a morte?; e quando falar sobre a morte na escola?.

Na subcategoria a ‘*escola deve falar sobre a morte?*’, verificou-se que os educadores – presente no *corpus* do artigo – experienciam obstáculos – os quais prejudicam a abordagem da temática da morte no ambiente escolar –, mas reconhecem que é uma necessidade o diálogo sobre a morte no âmbito escolar. Constatou-se isso através dos seguintes trechos: **D3**: “[...] evidenciou que as professoras participantes reconhecem como sendo importante para o desenvolvimento dos alunos falar abertamente [...] sobre a morte.”; **D2**: “[...] sabe-se da dificuldade de abordar essa temática na escola [...]. [...], coloca-se um grande desafio para os educadores, a possibilidade de mudar, de criar, visando uma educação ampla que enxergue o ser humanos na sua totalidade, proporcionando-o uma melhor qualidade de vida.”.

A escola deve sim falar sobre a morte, pois falar sobre esta temática no ambiente escolar possui o caráter preventivo, uma vez que ajuda o alunado a enfrentar as adversidades da morte/vida de uma forma mais favorável. Percebe-se isto através do seguinte relato: **T1**: “*Não conseguimos evitar que nossos alunos enfrentem perdas, decepção e dor, mas podemos prepará-los para enfrentar as adversidades da vida da melhor maneira possível. Nesse sentido, falar sobre a morte na escola pode ter caráter preventivo.*”.

Rodriguez (2010), diz que a escola pode proporcionar espaços para o alunado se fortalecer, preservar-se e saber enfrentarmais adequadamente situações de perdas e luto, dessa forma, utilizando o tempo com uma formação humana mais ampla. No momento em que é proporcionado o espaço na escola para a expressão dos sentimentos relacionados à vida do alunado, a escola passa a torna-se um lugar seguro para falar abertamente sobre o tema da morte e os demais assuntos considerados tabus. (MAEDA, 2017).

Além disso, Rodriguez (2010), afirma que dialogar sobre a morte na escola pode preparar o alunado para uma maior sensibilidade ao tema, quando este fizer parte da sua experiência de vida. Dessa forma, ao falar sobre a morte no ambiente escolar de uma forma adequada haverá uma agregação de valores na formação do alunado e dos educadores, pois acrescentará conhecimentos sobre morte e/ou vida que beneficiará no desenvolvimento humano do sujeito.

Uma vez que a indagação a respeito de falar adequadamente sobre a morte na escola é respondida e compreendida como benéfico surge outro questionamento relacionado à temática. Quando? Quando devemos falar sobre a morte na escola?

Na subcategoria ‘*quando falar sobre a morte na escola?*’, verificou-se que os educadores – presente no *corpus* do artigo – consideram adequado falar sobre a morte na escola quando à temática estiver associada com o contexto escolar, seja pelo motivo de ser demanda do alunado ou das disciplinas escolares, além de quando o educador achar que tem cabimento. Constatou-se isso através dos seguintes trechos: **T1**: “*Em momentos que ocorressem situações relacionadas à morte no contexto escolar.*”; “*Quando os alunos trazem os vários temas para a sala de aula e quando o conteúdo da disciplina abordar temas relacionados à morte.*”; “*Nos momentos que fizer sentido para o educador; [...] a partir de situações ocorridas e relacionadas às várias mortes.*”.

Não existe um modelo preparado para quando se deve falar o tema da morte na escola, mas vale destacar a importância que se tem em se fazer educação sobre a morte na escola.

Rodriguez (2008), afirma que a preocupação principal da escola é educar seres humanos em desenvolvimento, dessa forma é significativa a reflexão sobre a temática da morte no contexto escolar, pois a mesma é um elemento presente no desenvolvimento humano de todo ser.

Além disso, se depender da demanda do tema da morte na sociedade para saber quando abordar o tema no ambiente escolar, todos os dias existirão motivos para abordar neste ambiente, pois, todos os dias ocorrem mortes na sociedade, seja ela concreta, simbólica ou escancarada.

A educação não pode deixar de receber influências dos fenômenos naturais e sociais que ocorrem dentro e no entorno da escola, também na esfera mais ampla da sociedade. Nem o professor pode continuar evitando abordar a morte na sua prática cotidiana, como se ela não existisse ou estivesse fora da sua realidade. É interessante que ele busque conhecimentos voltados a uma educação para a morte, a fim de desconstruir esse tema enquanto tabu na sala de aula, em todos os níveis de educação, a fim de constituir-lo enquanto objeto de conhecimento escolar na prática docente. (MELO, 2007, p. 8-9).

Segundo Rodriguez (2010), a temática da morte pode ser discutida nas atividades pedagógicas, sendo estas atividades realizadas periodicamente, possuindo o caráter preventivo e de cuidado com o alunado. Além disso, as oportunidades para abordar de morte necessitam ser facilitadas e construídas junto com o alunado, pois o educador necessita interagir com o tema, mas não como detentor do saber. (RODRIGUEZ, 2010).

Portanto, a educação e a tanatologia podem relacionar-se em um agradável processo de aprendizado, onde a escola e seu alunado possam caminhar respeitando a singularidade de cada um. Encontrar-se preparado para abordar sobre a morte na escola, não é determinado por respostas prontas. (RODRIGUEZ, 2010).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo fundamentou-se em uma revisão bibliográfica sistemática, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, que permitiu compreender a educação sobre a morte no ambiente escolar. Além de compreender um pouco da vasta temática que é a educação sobre a morte, foi possível averiguar as concepções sobre a morte no âmbito escolar, bem como a relevância da educação sobre a morte na escola através dos trabalhos científicos.

Baseado nos resultados encontrados, e em concordância com os objetivos apresentados, notou-se que a educação sobre a morte no ambiente escolar ainda é um desafio a ser enfrentado pelos profissionais da área da educação. Porém, a mesma é caracterizada como sendo benéfica para todo o ambiente escolar, pois colabora no desenvolvimento humano do alunado, além de tornar a escola um ambiente seguro para o compartilhamento de questões pessoais e existenciais.

Evidenciou-se, com base em pesquisadores da área, que é propícia a presença de crianças e adolescentes nos rituais fúnebres, desde que estes possuam um suporte adequado para acolher suas dúvidas e sentimentos, do mesmo modo que a participação da escola nos rituais fúnebres serve para acolher o alunado e colabora na significação da perda. No entanto, alguns profissionais da área da educação não concordam a presença de crianças e adolescentes nos rituais fúnebres e por isso consentem com a evitação de tais rituais.

Além disso, constatou-se que alguns profissionais da área da educação não se encontram preparados para abordar a temática da morte na escola devido à lacuna existente em sua graduação, bem como a ausência em cursos capacitatórios. Devido a esta falta de qualificação os profissionais da área da educação não se sentem a vontade de abordar o tema da morte na escola e o tema acabada sendo silenciado. Porém, existem cursos e recursos que viabilizam uma forma adequada de falar sobre a morte na escola.

Diante disso, observou-se a existência de recursos facilitadores da temática da morte na escola. Por ser considerada ainda uma temática tabu em nossa sociedade, a utilização de

recursos facilitadores cria condições propícias para a discussão da temática no ambiente escolar. No entanto, os recursos facilitadores só colaboraram se o profissional da área da educação estiver qualificado para a utilização do mesmo, pois não adianta existir recursos enriquecedores e não saber utilizá-los.

A literatura destacou-se como sendo uma ferramenta favorável para a educação sobre a morte na escola, pois a mesma é considerada como um recurso fundamental no processo da aprendizagem. Dessa forma, a utilização de literatura que aborde o tema da morte é capaz de ajudar na aprendizagem da compreensão do fenômeno da morte de forma natural e espontânea.

Foi possível averiguar que a temática da morte deve sim ser abordada no ambiente escolar, pois possui o caráter preventivo que contribui para uma melhor qualidade de vida do alunado, pois ao se falar da morte, também se fala da vida e isto agrega valores humanos que contribuem no desenvolvimento humano, seja do alunado ou dos profissionais da área da educação. Além disto, o momento para se falar da morte na escola pode ser quando for demanda do alunado, das disciplinas escolares ou da sociedade. Dessa forma, pode ser em qualquer momento desde que haja uma preparação e abordagem adequada.

Considera-se importante que os profissionais da Psicologia estejam capacitados para colaborar para a educação escolar sobre a morte, porém, até mesmo nos cursos de graduação de Psicologia existe a lacuna do estudo sobre a morte e preparação de como abordá-la. No entanto, os conhecimentos elaborados neste artigo, uma vez que forem divididos com a sociedade acadêmica, podem contribuir para a discussão sobre o estudo da morte e, conseqüentemente, para a educação sobre a morte no ambiente escolar.

Portanto, ressalta-se que este artigo não abordou a totalidade da discussão sobre a educação sobre a morte. Sendo assim, apresenta-se a necessidade de se realizar novos estudos sobre a temática, pois ajudará na compreensão da morte como um tema normal que deve ser estudado, falado e não como um tabu, até mesmo nas graduações.

Realizar uma educação sobre a morte é realizar uma educação sobre a vida, pois é através da compreensão das suscetíveis perdas da vida que o ser humano torna-se consciente para viver de uma forma que agregue vida ao seu existir. Abordar sobre a morte na escola é possibilitar que esta compreensão ocorra desde a primeira fase de desenvolvimento humano, possibilitando que o sujeito dê mais valor à vida desde a mais tenra idade, tornando possível que na vida sejam descobertos valores, os quais agregarão sentido na vida e até mesmo diante da morte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BASTOS, M. C. P.; FERREIRA, D. V. **Metodologia Científica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

CAPUTO, R. F.; FORNAZARI, S. A. Educação para a Morte: Desafios da Família e dos Profissionais da Educação. In: Encontro científico, 1.; Simpósio de Educação UNISALESIANO, 1., 2007, Lins, São Paulo. **Anais...** . Lins, São Paulo, p.1-12, 2007.

Dicionário Online de Português. **Educação**. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/educacao/>>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

DOUTOR Estranho. Direção:Scott Derrickson. Estados Unidos da América: Marvel Studios, 2016. 1 DVD (115 minutos).

FRONZA, L. P. *et al.* O Tema da Morte na Escola: Possibilidades de Reflexão. In: **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.43, p. 48-71, 2015.

KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. In: **Psicologia Escolar e Educacional**. v.16, n. 1, p. 71-81, 2012 a.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2012 b.

KOVÁCS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. Falando de morte com crianças. In: **Psico.USP**, n. 2/3, p.170-173, 2016.

KROEFF, P.; OLIVEROS, O. L. (orgs.). **Finitude e Sentido da Vida**: a Logoterapia no Embate com a Tríade Trágica. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

MAEDA, T. S. **Cemitério é Lugar de Criança?** A Visita Guiada ao Cemitério Consolação como Recurso para Abordar a Educação Sobre a Morte nas Escolas. 2017. Dissertação de Mestrado, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2017.

MAGALHÃES, A. T de O. **As representações sociais da morte para professoras e pais em instituições de educação infantil**. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

MEDEIROS, L. M. B. **Análise de conteúdo do discurso pedagógico dos professores formadores de um curso de Licenciatura em Física**. 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual da Paraíba, Pró- Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2012.

MELO, M. S. N. A concepção de morte nos parâmetros curriculares nacionais e a prática docente. In: XIV Colóquio Nacional da AFIRSE – Secção Brasileira, 2007. **Anais...** . Natal: EDUFRN, p. 1-12. 2007.

MELO, M. S. N. **O conceito de morte: significações de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental.** 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia. **Rev. NEaD - Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.355-381, 2016.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças:** a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Idéias & Letras, 2011.

RIBEIRO, E. E. **Tanatologia:** Vida e Finitude - Informações Gerais Para os Módulos: Velhice e Morte, Medicina e Morte, Cuidados Paliativos e Bioética - Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2008.

RODRIGUEZ, C. F. Adolescentes – Vidas Interrompidas: Por Que é tão Importante falar sobre Morte com eles? In: **Morte e Existência Humana:** Caminhos de Cuidados e Possibilidades de Intervenção. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 16 - 43, 2008.

RODRIGUEZ, C. F. **Falando de morte na escola: O que os educadores têm a dizer.** 2010. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROTHSCHIEL, D.; CALAZANS, R. A. Morte: Abordagem Fenomenológico-Existencial. In: **Morte e Desenvolvimento Humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p.142 –148, 1992.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Literatura como Instrumento de Discussão Acerca da Morte. In: **Psicologia da Educação.** N. 41, p. 119-126, 2015.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. In: **Qualitas Revista Eletrônica.**v.17, n. 1, p. 1-14, 2015.

SILVA, L. G. M.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. In: **Periódico Científico Projeção e Docência.** v.5, n.2, p. 6-23, 2014.

SOUZA, C. P. de; SOUZA, A. M. de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** v. 35, p. 1-27 , 2019.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte:** desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

WOTTRICH, S. H.; et al. Educação para a morte na escola: aproximações sobre o tema em sala de aula. In: XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2009. **Anais...** Maceió, AL: ABRAPSO, 2009.



## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e consumidor da minha vida. Tudo o que tenho, tudo que sou e o que vier a ser vem d'Ele.

Aos meus pais, Luis Ricardo e Maria da Glória, por todo cuidado, amor e encorajamento ao longo desses anos. Amo vocês!

Aos meus avôs, Antônio Matias (*in memorian*) e Josefa Maria, por terem acreditado em mim e investido em minha educação ao longo da minha vida.

À família Souza Coelho, por terem me transformado parte da família e me acolherem como filha.

Ao meu namorado Elton Gomes, por toda gentileza e incentivo.

À minha orientadora Laércia Medeiros por se preocupar além dessa orientação, pela alegria e dedicação.

Aos amigos, Emillyn, Katiuscia, Sâmela, Talita e Gilclean, pelos bons momentos compartilhados ao longo desta graduação. Obrigada por serem o poço de água em meio ao deserto.

Aos professores do curso, Lorena, Gilvan, Laércia, Dellane, Wilmar, Edmundo e Maria Célia que me ajudaram a construir o conhecimento da linda ciência da Psicologia.

Aos irmãos da Primeira Igreja Batista em Sapé e da Congregação Batista em Chico Mendes pelas orações e apoio.

A vocês, pessoas que ajudaram ao longo da minha vida e agregaram valores a ela, dedico esta conquista!

Paloma da Trindade Bandeira